

O IRÃ NA CONFLUÊNCIA GEOPOLÍTICA DA UNIÃO SOVIÉTICA E DOS ESTADOS UNIDOS DURANTE GUERRA FRIA

João Victor Viana Santos¹

Alexander Zhebit²

Fernando Veloso Gomes Pedrosa³

Resumo

O período logo após o fim da Segunda Guerra Mundial marcou o início da Guerra Fria, a qual se destacou pela confrontação entre o bloco ocidental e o bloco soviético, liderados pelas duas superpotências, Estados Unidos e União Soviética, em que ambas buscavam expandir suas influências sobre as regiões em disputa, aproveitando o enfraquecimento do controle britânico no Oriente Médio. Dentre essas regiões, estão o Oriente Médio e o Cáucaso, onde o Irã se tornou palco de um dos primeiros imbróglis que marcaram o início das tensões da Guerra Fria, quando tropas soviéticas postergaram a retirada do norte do Irã seis meses após o fim da Segunda Guerra Mundial, para ocorrer até o mês de março de 1946. Porém, após ter criado um clima de tensão regional e após as pressões estadunidenses, que se apresentaram por meio de um aumento da presença naval no Mediterrâneo Oriental e da ameaça de uso de armamento atômico, somados à postura do Conselho de Segurança das Nações Unidas, a retirada das tropas soviéticas ocorreu logo em abril de 1946. O Irã se tornaria, nos anos posteriores, o palco de diversos eventos que seriam afetados pela Guerra Fria como: o golpe de Estado de 1953 contra Mosaddeq, e a instalação do governo do Xá Mohammad Reza Pahlavi, em uma estratégia estadunidense de “contenção” à URSS; adesão ao Pacto de Bagdá de 1955 e seu papel na Doutrina Eisenhower; o Irã na *Détente*; a Revolução Iraniana de 1979, como ponto de inflexão da relação dos EUA com o Irã e o Oriente Médio; e a Guerra Irã-Iraque. Este artigo analisará como o Xá Mohammad Reza Pahlavi balançava entre os interesses dos Estados Unidos e os da União Soviética na Guerra Fria e como as duas superpotências influenciaram no Irã, finalizando com o que a Revolução Islâmica de 1979 no Irã representou para os interesses estadunidenses e soviéticos no Irã.

Palavras-chave: Guerra Fria, Irã, política externa da União Soviética, política externa dos Estados Unidos.

Abstract

The period right after the end of World War II represented the beginning of the Cold War, which was marked by the confrontation between the Western bloc and the Soviet bloc, led by the two superpowers, the United States, and the Soviet Union, which both sought to expand their influence on the disputed regions, taking advantage of the weakening of British control in the Middle East. Among these regions, there are the Middle East and the Caucasus, where Iran represented one of the first imbroglis that represented the beginning of tensions of the Cold War, when Soviet troops delayed a withdrawal from the northern Iran, due to happen six months after the end of World War II, as of March, 1946. Nevertheless, after generating regional tension and due to the US pressure, which took the form of a mount-up of naval forces in the Eastern Mediterranean and of a threat of use of atomic weapons, added to the Security Council of United Nations posture, the withdrawal occurred already in April of 1946. Iran would become, in the coming years, the stage of several events affected by the Cold War such as: the 1953 coup d'état against Mosaddeq, and the rise to power of Shah Mohammad Reza

1 Graduando de Relações Internacionais, UFRJ, aluno de iniciação científica do GPPI e do LEPCáucaso, e-mail: joaox1005@gmail.com

2 Orientador, professor associado, doutor, UFRJ, e-mail: alex@cfch.ufrj.br

3 Co-orientador, professor, doutor, ECEME, UNIRIO, e-mail: velozopedrosa@yahoo.com.br

Pahlavi's government, according to the American strategy of Soviet "containment"; adherence to the 1955 Baghdad Pact and its role in the Eisenhower doctrine; Iran during the *Détente*; the 1979 Iranian Revolution, as the turning point in the American relation with Iran and the Middle East; and the Iran-Iraq war. This paper analyzes how Shah Mohammad Reza Pahlavi balanced between the interests of the United States and the Soviet Union in the Cold War context and how the two superpowers influenced Iran and lastly discussing what the 1979 Islamic Revolution represented to the American and Soviet's interests in Iran.

Keywords: Cold War, Iran, Soviet Union foreign policy, United States foreign policy.

1. Introdução

No contexto da Guerra Fria, o Oriente Médio inseria-se em uma das principais regiões de disputa de interesses entre as duas superpotências do período, Estados Unidos, pelo bloco ocidental, e a União Soviética, pelo bloco soviético. Nesta região do globo, o Irã não foi apenas uma das primeiras evidências da Guerra Fria, com a Crise do Azerbaijão (1945), mas se constituiu como uma peça-chave na política externa estadunidense de contenção à União Soviética.

Identificando, portanto, o Irã como um importante foco de confronto na Guerra Fria, é importante analisar como esse país entrou nos cálculos geopolíticos da União Soviética e dos Estados Unidos, desencadeando diversas repercussões durante a Guerra Fria como: a Crise do Azerbaijão (1945), a Revolução Islâmica Iraniana (1979), o sequestro da embaixada americana em Teerã (1979), Guerra Irã-Iraque (1980-1988).

2. A importância do Irã

A relevância estratégica de um país é destacada por diversos elementos, como a relação com os países vizinhos, a inserção político-geográfica internacional, a posse e a extração de determinadas matérias-primas e muitos outros. Em relação a esses fatores, o Irã foi fundamental para a União Soviética pela proximidade geográfica e pela história comum; para a Grã-Bretanha, devido à robusta presença econômica, principalmente na indústria petrolífera; e para os Estados Unidos, principalmente, devido à expansão para o Oriente Médio e à deflagração da Guerra Fria.

Durante a Guerra Fria, a localização do Irã no Oriente Médio foi uma preocupação para as potências do bloco ocidental, principalmente para os Estados Unidos e o Reino Unido, pois os britânicos, ainda durante a Segunda Guerra Mundial, iam perdendo gradativamente seu histórico poder de influência no Oriente Médio (LITTLE, 2008, p. 119). Após o fim da Segunda Guerra Mundial, este declínio se acentuou pelo fato de o Reino Unido ter sido fortemente atingido pela Guerra, gerando um vácuo de poder no Oriente Médio e no Sul da Ásia. Então, a partir de março de 1947, a data que se relaciona com a incapacidade britânica de lidar com a guerra civil que emergiu na Grécia. Os Estados Unidos, buscando sustar estes processos, passaram a ocupar gradativamente o espaço político e econômico, historicamente influenciado pelos britânicos, inserindo o Irã em sua política de contenção à expansão do poder soviético no Oriente Médio. Complementarmente, o Irã serviria como um ponto de monitoramento das atividades militares, desenvolvidas pelos soviéticos na região do Cáucaso, no Mar Negro, no

Mar Cáspio e nas áreas adjacentes, principalmente, antes do desenvolvimento de satélites.

Nas montanhas do nordeste do Irã, instalações dos EUA literalmente supervisionavam o desenvolvimento soviético de mísseis e instalações de testes em Tiuratam e Baikonur. Esses locais forneciam sinais diretos e telemetria sobre testes soviéticos de mísseis e suas capacidades. Dadas as tecnologias dos anos 1950 e 1960, elas (instalações) eram insubstituíveis (BERRETT, 2007, p. 80, tradução nossa).⁴

O Irã, além de sua importante posição geográfica, possuía uma grande relevância do ponto de vista energético, pois além de ser um dos maiores produtores de petróleo do mundo, este país teve acesso ao *chokepoint*⁵ pelo qual passava o maior fluxo desta fonte energética, o Estreito de Ormuz. Essa realidade torna-se ainda mais relevante ao considerar o contexto dos primeiros anos da Guerra Fria, pois nesse período é que ocorre a reconstrução e o início da recuperação econômica soviética e europeia, demandando uma grande quantidade de petróleo. Juntamente com a reconstrução do pós-Guerra, o petróleo iraniano ganhava um maior valor geopolítico para o Ocidente, pois o Reino Unido tinha forte atuação na exploração petrolífera no Irã. Então, possuir uma grande influência no Irã permitiria influenciar tanto a produção mundial direta de petróleo, como o fluxo deste produto natural para o restante do globo.

3. Política Externa dos EUA na Guerra Fria: a estratégia de contenção

3.1. O Longo Telegrama e a Doutrina Truman: as bases da política de contenção

Durante o período da Guerra Fria, o relacionamento dos Estados Unidos para com o Irã era calcado basicamente na estratégia estadunidense de contenção da União Soviética. Então, antes de discorrer sobre os eventos que se desenvolveram nas relações bilaterais entre o Irã e os Estados Unidos, faz-se necessário explicar as origens e as características da política de contenção.

A noção de uma política de contenção, que foi levada a cabo pelos Estados Unidos, tem suas bases no documento redigido, em 22 de fevereiro de 1946, por George Kennan, então oficial diplomático dos Estados Unidos em Moscou, endereçado ao secretário de Estado do governo Harry Truman, James Francis Byrnes. Esse documento, que ficou conhecido como “O Longo Telegrama”, apresentava as descrições de Kennan sobre quais seriam as bases da ideologia e da política externa soviética, a qual teria como principal pilar a impossibilidade do convívio do mundo socialista com o capitalista (KENNAN, 1946, p. 1), e que os Estados Unidos se apresentavam como o grande obstáculo às aspirações de poder da União Soviética.

Em suma, nós temos aqui uma força política fanaticamente comprometida com a crença de que com os EUA não é possível ter um *modus vivendi* permanente, que é desejável e necessário que a harmonia interna de nossa sociedade seja rompida, nosso modo tradicional de vida seja desvirtuado, a autoridade internacional de nosso Estado seja quebrada, para que o poder soviético possa ser seguro (KENNAN, 1946, p.14, tradução nossa)⁶.

4 “In the mountains of northeastern Iran, US installations literally overlooked the Soviet missile development and test facilities at Tiuratam and Baikonur. These sites provided direct signals and telemetry intelligence on Soviet missile tests and capabilities. Given the technologies of the 1950s and 1960s, they were irreplaceable” (BERRETT, 2007, p. 80)..

5 *Choke point* é o termo em inglês que se refere a um ponto de gargalo, passagem estreita, o que na geografia, principalmente ao analisar o tipo de matéria-prima ou região interligada por esta passagem estreita, possui um grande valor estratégico.

6 “In summary, we have here a political force committed fanatically to the belief that with US there can be no permanent *modus vivendi*, that it is desirable and necessary that the internal harmony of our society be disrupted, our traditional way of life be destroyed, the international authority of our state be broken, if Soviet power is to be secure” (KENNAN, 1946, p. 14).

De acordo com Kennan (1946, p.8), a política soviética ocorreria em duas esferas: oficial e “subterrânea”. Na primeira, as ações seriam realizadas oficialmente em nome da União Soviética; na última, as ações seriam tomadas por agentes políticos e ideológicos pelos quais a URSS não admitiria responsabilidade.

No plano oficial, a União Soviética tomaria principalmente ações como: política interna, focada em aumentar o prestígio do Estado soviético, através de uma intensiva industrialização e militarização; aproveitar toda oportunidade para o aumento oficial do poder soviético, de imediato, no norte do Irã, Turquia e em Bornholm; participar oficialmente de organizações internacionais em que o poder soviético pudesse ser expandido; enfraquecer o poder e a influência do Ocidente nas áreas coloniais, permitindo uma penetração mais fácil da ideologia comunista; fortalecer laços com países em que houvesse possibilidade de resistência ao Ocidente, como o Oriente Médio (KENNAN, 1946, p. 8-10).

Em relação ao plano “subterrâneo” das ações soviéticas, é preciso antes destacar os veículos de tais objetivos. As ações soviéticas extraoficiais seriam realizadas por meio de: lideranças e membros ordinários de partidos comunistas de outros países; associações nacionais que pudessem ser dominadas ou influenciadas; a Igreja Ortodoxa russa; movimentos nacionalistas e pan-eslavos; e governos ou grupos de governantes, dispostos a servir aos propósitos soviéticos (KENNAN, 1946, p. 11-12). Estes diversos atores sob influência soviética promoveriam medidas como: minar a política geral e estratégias de potências ocidentais, gerando perturbações internas; enfraquecer o poder do Ocidente nas colônias; remover indivíduos que se oponham aos interesses soviéticos; destruir, mediante partidos comunistas, todas as formas de independência pessoal, econômica, política ou moral, em países estrangeiros; gerar oposição das potências Ocidentais uma em relação a outra; e, por fim, em âmbito internacional, esforçar-se para destruir forças que estão fora do alcance do poder soviético (KENNAN, 1946, p. 13-14).

No “Longo Telegrama”, após realizar a exposição dos interesses e estratégias da União Soviética para a expansão de seu poder global, George Kennan descreve suas observações sobre possíveis contramedidas a serem levadas a cabo pelos Estados Unidos. Dentre estas, e talvez a mais importante, Kennan (1946, p. 15) descreve o poder soviético como altamente sensível à lógica da força, através da qual a URSS recuaria dos seus interesses diante de uma grande resistência e de um adversário com poder suficiente e com prontidão clara em utilizá-lo, portanto, não haveria sequer a necessidade do uso de fato do poder militar. Complementarmente, Kennan (1946, p. 16-17) sugere que o governo dos Estados Unidos deva aprender e reconhecer a natureza do contexto internacional, empreendendo estudos sobre este, e que o país deve formular e colocar em ação uma perspectiva construtiva sobre o futuro, juntamente com as outras nações.

Após poucos meses do envio do “Longo Telegrama” de Kennan ao governo dos Estados Unidos, a tensão no contexto internacional do ano de 1946 estava crescente, fruto da intensificação da Guerra Civil Grega e da tensão diplomática em torno dos Estreitos Turcos. Na Grécia, havia o risco de os comunistas ganharem a guerra civil, enquanto na Turquia, em agosto de 1946, Stálin pressionava o país a garantir o controle dos estreitos de Bósforo e Dardanelos pelos soviéticos. Estes eventos eram vistos com grande preocupação pelos Estados Unidos e pelo Reino Unido, pois, a depender dos seus desfechos, levariam a um aumento da projeção de

poder soviético no Mediterrâneo, repercutindo no Oriente Médio (LITTLE, 2008, p. 122-123).

Apesar da preocupação do Reino Unido com o desenrolar dos eventos na Grécia e na Turquia, a participação efetiva dos britânicos estava em declínio, pois o Reino Unido encontrava-se em crise econômica, em consequência da Segunda Guerra Mundial. Este fato fica evidente quando, no início de 1947, os britânicos, que apoiavam as forças, opostas aos comunistas, recorreram aos Estados Unidos, pedindo que este assumisse o papel de fornecer assistência militar e econômica aos gregos no combate aos comunistas (LITTLE, 2008, p. 122). Então, em 12 de março de 1947, a fim de garantir que os Estados Unidos assumissem a centralidade no papel de conter a ameaça do comunismo na Turquia e na Grécia, o presidente dos Estados Unidos, Harry Truman, conseguiu a autorização do Congresso de seu país para a liberação de um pacote de apoio econômico e militar no valor de US\$ 400 milhões, inaugurando uma das bases da política de contenção e da Guerra Fria, a Doutrina Truman (LITTLE, 2008, p. 123).

1.1. NSC-68: a oficialização da política de contenção

Em 14 de abril de 1950, cerca de quatro anos após “O Longo Telegrama”, era produzido o ultrassecreto *National Security Council Report* nº 68 (NSC-68), apresentando vários pontos que podem ser vistos como uma formalização e extrapolação das proposições, feitas por George Kennan em 1946. A elaboração do NSC-68 relaciona-se muito com o contexto internacional de 1949, pois naquele ano ocorreu, em agosto, o primeiro teste de artefato nuclear pela União Soviética e, em outubro, a ascensão dos comunistas na China com Mao Tsé-Tung.

As similaridades entre o NSC-68 e os vários pontos do telegrama de Kennan, de 1946, estão presentes logo no início daquele documento, em que é apresentada fortemente a questão da incompatibilidade ideológica do sistema capitalista com o socialista e a ameaça que a URSS coloca à existência dos Estados Unidos:

Portanto, a contragosto, nossa sociedade livre encontra-se mortalmente desafiada pelo sistema soviético. Nenhum outro sistema de valores é tão completamente irreconciliável com o nosso, tão implacável em seu propósito de destruir o nosso, tão capaz de usar em seu benefício as mais perigosas e divisíveis tendências em nossa própria sociedade, nenhum outro tão habilmente e poderosamente evoca os elementos de irracionalidade na natureza humana em todo lugar, e nenhum outro tem o suporte de um grande e crescente centro de poder militar” (NSC-68, 1950, p. 9, tradução nossa)⁷.

Os recursos, a serem utilizados pela União Soviética em seu projeto de expansão de poder, são abordados pelo NSC-68, como: o uso de seu poderio militar, principalmente através da capacidade atômica, como um mecanismo de dissuasão sobre a reação dos países que se opõem ao projeto de poder soviético; a utilização da influência do partido comunista soviético na imposição de uma uniformidade ideológica interna e na realização de propaganda, subversão e espionagem em países estrangeiros; a extrema flexibilidade nas táticas utilizados pela URSS (NSC-68, 1950, p. 14-15 e 17).

Em 1946, Kennan propôs ideias gerais do que seria uma política de contenção, não desenvolvendo tais ideias do modo como foi levado a cabo no NSC-68. Neste documento, a política de contenção sofre um processo de maior elaboração, detalhando-se as medidas a serem tomadas pelos Estados Unidos em sua política externa. Esta teria como base dois pilares que seriam interdependentes: a política de “contenção” e uma política de “desenvolvimento

7 Thus unwillingly our free society finds itself mortally challenged by the Soviet system. No other value system is so wholly irreconcilable with ours, so implacable in its purpose to destroy ours, so capable of turning to its own uses the most dangerous and divisible trends in our own society, no other so skillfully and powerfully evokes the elements of irrationality in human nature everywhere, and no other has the support of a great and growing center of military power (NSC-68, 1950, p. 9).

saudável da comunidade internacional” (NSC-68, 1950, p. 21).

A política de “contenção”, de acordo com o NSC-68 (1950, p. 21), consistiria na política que se utiliza de todos os meios, exceto a guerra, com o objetivo de: primeiro, bloquear o futuro avanço do poder soviético; segundo, expor as falsidades por trás das pretensões soviéticas; terceiro, induzir uma retração do controle e poder da União Soviética; quarto, promover uma destruição dentro do sistema soviético, buscando alterar o comportamento da URSS, ao menos, para uma aceitação do sistema internacional estabelecido. Contudo, para que a política de “contenção” seja eficaz, era imprescindível que os Estados Unidos possuíssem, só ou em conjunto com seus aliados, um poder militar superior ao bloco soviético e a existência permanente da possibilidade de negociação com a União Soviética (NSC-68, 1950, p. 21-22).

O “desenvolvimento saudável da comunidade internacional” inseriu-se na política externa estadunidense como uma medida de longo prazo para frustrar a expansão da União Soviética através de uma relação de cooperação econômica dos Estados Unidos com o “mundo livre”, possuindo como principais pontos: assistência à Europa Ocidental na recuperação de sua economia; assistência aos países destruídos durante a Segunda Guerra Mundial; cooperação para o desenvolvimento do mundo subdesenvolvido; assistência militar; restrição no comércio Leste-Ocidente de itens militares importantes para o Leste; compra e estocagem de materiais estratégicos; e, por fim, esforços no reestabelecimento de uma economia internacional, baseada no comércio multilateral (NSC-68, 1950, p. 29).

Em suma, o processo que se iniciou em 1946, com o “Longo Telegrama” de George Kennan, passando por 1947, com a Doutrina Truman, até 1950, com a elaboração do *National Security Council Report* nº 68, pode ser visto como o desenvolvimento e a transformação da política de contenção em uma política de Estado pelo governo dos Estados Unidos, frente ao desencadeamento de eventos, na esfera internacional, envolvendo a União Soviética. A política externa que emergiu desse processo foi determinante na atuação dos Estados Unidos em países como o Irã, principalmente em relação a política de cooperação econômica (NSC-68, 1950, p. 29).

4. Relações bilaterais Estados Unidos-Irã: de Truman a Nixon

4.1 A Crise no Irã de 1946: Azerbaijão iraniano

O primeiro grande confronto diplomático entre os Estados Unidos e a União Soviética, marcando a emergência da Guerra Fria, iniciou-se no Irã em novembro de 1945, apenas dois meses depois do fim da Segunda Guerra Mundial (YEGOROVA, 1996, p. 1). Este choque diplomático tinha como ponto principal a postergação soviética da retirada de suas tropas do norte do Irã e o apoio de Moscou a movimentos separatistas azerbaijano e curdo naquela região.

Apesar deste imbróglio emergir em 1945, o seu entendimento deve ser feito a partir de uma análise do que se passou no Irã antes da eclosão e desde o início da Segunda Guerra Mundial. O Irã, apesar de não ter uma aliança formal com a Alemanha, mostrava-se favorável

aos interesses germânicos na região do Oriente Médio, contando com um número expressivo de cidadãos alemães em território iraniano (MOTTER, 1952, p. 10), dentre estes, os que espionavam para o governo nazista. A relação estreita entre o governo iraniano de xá Reza Pahlavi e a Alemanha de Adolf Hitler era observada com grande preocupação por parte da União Soviética e do Reino Unido que temiam as consequências da influência alemã na região, como também a de uma possível aliança formal entre Teerã e Berlim. Então, em 25 de agosto de 1941, a fim de frustrar os planos alemães no Irã, e na região como um todo, União Soviética e Reino Unido realizam uma operação conjunta de ocupação do território iraniano, batizada de *Countenance* (MOTTER, 1952, p. 10).

As determinações, que se sucederam à invasão anglo-soviética e a ocupação do Irã, repercutiram-se mais tarde na Crise do Azerbaijão em 1945-1946. Na sequência da operação *Countenance*, estabeleceu-se, em 29 de janeiro de 1942, um Tratado Tripartite entre soviéticos, britânicos e iranianos que tinha determinações como: a não interferência iraniana nos interesses soviéticos e britânicos no país; manutenção da integridade territorial para o Irã; a retirada das forças de ocupação do país seis meses após o fim do conflito; o Irã ficaria ocupado por forças britânicas ao sul de Teerã e ao norte desta seria ocupado por tropas soviéticas; e o estabelecimento de que o Irã asseguraria à União Soviética e à Grã-Bretanha o controle de todos os meios de comunicação do país, como rodovias, ferrovias, portos, telefonia, entre outros (MOTTER, 1952, p. 11).

A realização deste acordo teve como principal consequência a viabilização de um corredor de suprimentos de materiais de guerra, o Corredor Persa, dos Estados Unidos e Reino Unido para os esforços de guerra soviéticos no front oriental do teatro europeu na Segunda Guerra Mundial. Ainda como resultado da Operação *Countenance*, determinou-se que o Xá Reza Pahlavi abdicasse do poder em favor do seu filho herdeiro, Mohammed Reza Pahlavi (MOTTER, 1952, p. 10), que viria a ser um crucial ator nas relações bilaterais entre o Irã e os Estados Unidos, no contexto da Guerra Fria.

A crise emergiu quando da retirada das forças de ocupação do país, seis meses após o fim do conflito mundial, ou seja, em março de 1946. Antes de desvelar como a crise se desenvolveu, é importante atentar-se às motivações soviéticas em sua postergação por um mês do compromisso legal de desocupar o Irã. Esta atitude do Kremlin tinha como principal objetivo a garantia de concessões que permitissem aos soviéticos a exploração exclusiva de petróleo no norte do Irã, sendo que o atingimento deste objetivo visava atender dois interesses soviéticos: econômico, em que a exploração de petróleo garantiria benefícios à economia da URSS; e político, pois a União Soviética almejava que seus interesses por petróleo no Oriente Médio tivessem o mesmo tratamento que era dispensado ao Reino Unido e aos Estados Unidos (YEREGOVA, 1996, p. 2).

O interesse político dos soviéticos nas concessões de petróleo nasceu ainda durante a Segunda Guerra Mundial, como uma reação às articulações dos britânicos e dos estadunidenses com o governo iraniano, objetivando a garantia de concessões petrolíferas no sul do Irã. Então, em setembro de 1944, os soviéticos iniciaram negociações bilaterais com as autoridades iranianas a fim de garantirem concessões similares às dos EUA e Reino Unido. Contudo, a proposta soviética não era apenas rejeitada, como também o *Majlis* iraniano⁸ aprovou, em dois de dezembro de 1944, uma lei impedindo que as autoridades executivas do Irã negociassem

8 Parlamento iraniano.

concessões de petróleo com quem quer que fosse (YEGOROVA, 1996, p. 3, 5).

A política para barrar os interesses de Moscou no Irã, apesar de ter sido articulada principalmente pelos Estados Unidos, foi avaliada pelos soviéticos como a extensão das ações perpetradas pelos britânicos, através de sua influência no *Majlis*. Então, a fim de garantir concessões de petróleo, durante e após o fim da Segunda Guerra Mundial, a União Soviética empreendeu influenciar as populações locais no norte do Irã, nas áreas que estavam sob sua ocupação, o Azerbaijão e o Curdistão iranianos, para que nas próximas eleições legislativas, políticos eleitos dessas regiões apoiassem os interesses soviéticos dentro do parlamento iraniano (YEREGOVA, 1996, p. 6).

O movimento soviético de se articular no apoio dos interesses das populações curdas e azerbaijanas do Irã era feito através de um importante instrumento: a diplomacia partidária. Esse instrumento era usado para a promoção dos interesses soviéticos em outros países através da articulação do partido comunista da União Soviética com os partidos comunistas e movimentos democráticos de outros países, agindo em paralelo, diferentemente da diplomacia de Estado. No Irã, a princípio, essa ferramenta partidária era utilizada por Moscou por meio do *Tudeh*⁹, a fim de obter exercer a influência política e fazer frente aos interesses britânicos no país. Contudo, a diplomacia partidária passou a ser utilizada pela União Soviética para apoiar movimentos de libertação nacional curdos e azerbaijanos, levando à criação de Estados autônomos no Azerbaijão e Curdistão iranianos¹⁰, respectivamente, em novembro e dezembro de 1945 (YEGOROVA, 1996, p. 6, 9).

Os soviéticos, ao apoiarem estes movimentos no norte do Irã, tinham como principal objetivo pressionar o governo iraniano a fazer concessões quanto à exploração de petróleo, almejado pela União Soviética. Porém, para a eficácia desse movimento de pressão, era necessário para que os movimentos de autonomia sobrevivessem até que a diplomacia de Estado soviética obtivesse do governo iraniano alguma espécie de acordo. Então, para garantir essa sobrevivência, a União Soviética protelou a retirada de suas tropas das regiões ocupadas no norte do Irã, impedindo qualquer tentativa do Irã de enviar o exército para a retomada do controle do Azerbaijão e Curdistão iranianos. Porém, apesar desse estímulo aos movimentos separatistas, a União Soviética não tinha interesses em anexar as áreas ocupadas e nem em levar a cabo um golpe revolucionário contra a autoridade central do Irã (YEGOROVA, 1996, p. 13-14, 21).

No início do ano de 1946, a presença militar soviética no Irã passou a sofrer uma crescente oposição, não somente por parte das autoridades iranianas, mas, principalmente, dos Estados Unidos. Esse fato foi evidenciado já em 19 de janeiro de 1946, quando o representante do Irã junto à Organização das Nações Unidas (ONU), apresentou ao Conselho de Segurança a questão de protesto, referente à ingerência soviética no território iraniano (FATEMI, 1980, p. 96), apesar de o prazo definitivo da retirada ainda não fosse atingido. Além de recorrer à ONU, o Irã atuou bilateralmente com os soviéticos, em que o Primeiro-Ministro iraniano à época, Hamad Qavam, exercendo uma diplomacia hábil, viajou a Moscou, a fim de evitar que tropas soviéticas entrassem em confronto com as forças iranianas (KINZER, 2003, p. 66), bem como de negociar a questão de concessões de petróleo. Os Estados Unidos, juntamente com o Reino Unido, iniciaram um processo de pressão diplomática, atuando por meio da ONU

9 Partido comunista iraniano criado em setembro de 1941, durante o processo de ocupação do Irã pelas potências dos Aliados (ALVANDI; GHEORGHE, 2014, p. 2).

10 República Popular do Azerbaijão e República do Mahabad.

junto ao Conselho de Segurança e por meio da realização de encontros trilaterais com o corpo diplomático soviético (YEREGOVA, 1996, p. 16).

A ação do Irã em recorrer à ONU, emprestando um caráter internacional à crise no Azerbaijão iraniano, juntamente com a pressão diplomática feita pelos Estados Unidos e Reino Unido em reuniões trilaterais com a URSS, foram importantes para a resolução da crise. Contudo, as negociações bilaterais entre o Irã e a União Soviética foram um fator-chave para o fim da crise (YEREGOVA, 1996, p. 17), pois a conclusão de um acordo entre os dois países levou ao anúncio, em 24 de março de 1946, do início da retirada do Exército Vermelho do Irã. Nas negociações, ficaram acordados o estabelecimento de uma sociedade anônima soviético-iraniana na exploração de petróleo; e o aumento do número de assentos no *Majlis*, de acordo com a população de cada província autônoma iraniana. Após as negociações, a retirada das tropas soviéticas já em abril de 1946 e o fim do apoio de Moscou aos movimentos separatistas curdos e azeris resultou na retomada do controle do Irã sobre as regiões declaradas autônomas do Azerbaijão e Curdistão iraniano (YEGOROVA, 1996, p. 16-17 e 20).

Apesar de a União Soviética ter pressionado o Irã a fazer concessões¹¹, o *modus operandi* soviético para obtê-las foi contraproducente. Esse fato foi evidenciado pela reação dos Estados Unidos, que se utilizaram da experiência da crise no Irã para ajudar a forjar a Doutrina Truman e uma política externa de contenção ao comunismo; e pela tendência de britânicos e estadunidenses de se aliarem para se oporem aos interesses soviéticos no Oriente Médio. Em relação ao Irã, a posição soviética se deteriorou, pois o partido *Tudeh* perdeu influência dentro do Irã, por ser visto como uma peça dos interesses de Moscou, enfraquecendo o poder da diplomacia partidária em território iraniano; e, principalmente, acelerou o processo de aproximação do Irã com os Estados Unidos, em que os iranianos passaram a ter nos EUA um aliado em uma estratégia de “equilíbrio” diante da “ameaça” da União Soviética (FATEMI, 1980, p. 64; GADDIS, 1997, p. 163).

1.1. Governo Eisenhower e a construção do *northern tier*

Desde os anos finais do governo Harry Truman, os Estados Unidos estavam em um processo de articulação com os britânicos para a formação de um complexo regional de defesa para a região do Oriente Médio, semelhante à Organização do Tratado do Atlântico do Norte (OTAN) na Europa. Essas tentativas se iniciaram com a proposta do Reino Unido da criação do *Middle East Command* (MEC), no início de 1951, e, em junho de 1952, os Estados Unidos propuseram o *Middle East Defense Organization* (MEDO). Contudo, ambos os projetos foram rejeitados por alguns países árabes, como o Egito, que receava a perpetuação dos interesses imperialistas dos britânicos na região e, principalmente, pela tensão gerada pela disputa do controle do Canal de Suez. O projeto de um complexo de defesa para a região se concretizaria apenas com o governo Dwight D. Eisenhower com a ideia de *northerntier*¹², através do pacto de Bagdá e, posteriormente, a *Central Treaty Organization* (CENTO), no qual o Irã constituiria uma peça fundamental (LITTLE, 2008, p. 126-128). Contudo, antes de a estratégia de *northern tier* tornar-se viável em 1955, é preciso se atentar para as tensões que se elevavam no Irã desde

11 Apesar de a União Soviética ter conseguido pressionar o primeiro-ministro iraniano, Hamad Qavam, a um tratado, para a formação de uma sociedade anônima iraniana-soviética para a exploração de petróleo no norte do Irã, o *Majlis* iraniano recusou, em 1947, ratificar o acordo feito com os soviéticos (YEGOROVA, 1996, p. 22).

12 *North tier*, traduzido como “faixa norte”, referia-se a um dos pilares da política externa estadunidense de contenção da União Soviética no Oriente Médio, através da formação de um complexo de defesa, formado por países da região.

1949, com o movimento de nacionalização do petróleo, liderado por Mohammad Mosaddeq, e os EUA neste contexto.

1.1.1. Governo Mosaddeq: o golpe e a presença estadunidense no Irã

A exploração britânica de petróleo em território iraniano data desde o início do século XX, oficializando-se, em 1909, com a criação da *Anglo-Persian Oil Company* que alterou seu nome, em 1935, para *Anglo-Iranian Oil Company* (AIOC) (CURTIS; HOOGLUND, 2008, p. 160). A atuação dessa empresa britânica no Irã foi gerando, ao longo da primeira metade do século XX, uma crescente insatisfação na parte do governo e da sociedade iraniana, devido ao regime monopolista britânico na exploração do petróleo.

Essa realidade é determinante para o surgimento, em 1949, de um movimento nacionalista, o qual, encabeçado por Mohammad Mosaddeq, pregava que, para o Irã alcançar sua soberania e estabelecer um governo democrático, o país não poderia ter a sua principal indústria controlada por uma companhia estrangeira. Então, para a realização desse objetivo seria necessário promover a nacionalização da AIOC, o que, por conseguinte, representaria um conflito com os interesses do Reino Unido no Irã, segundo os quais a posse majoritária britânica do petróleo iraniano era legítima, já que a descoberta e o capital investido foram britânicos. Contudo, à revelia dos interesses britânicos, o movimento para a nacionalização da AIOC ganhou força com a chegada, em abril de 1951, de Mosaddeq à posição de primeiro-ministro do Irã, concretizando a nacionalização da companhia em dois de maio de 1951 (GASIOROWSKI; BYRNE, 2004, p. 5-6, 129 e 133).

A nacionalização, levada a cabo sob a liderança de Mosaddeq, causou um protesto e uma resistência dos britânicos em relação à ação do governo iraniano, desencadeando um boicote das principais empresas internacionais de petróleo, sob o controle do Reino Unido. Concomitantemente, os britânicos passaram a se articular com elementos conservadores e pró-britânicos dentro do Irã, em especial, com o monarca iraniano, Mohammed Reza Palahvi, para que Mosaddeq fosse retirado do poder, primeiramente, por meios legais, e, posteriormente, por um golpe de Estado. O xá tinha especial interesse na retirada de Mosaddeq do cargo de primeiro-ministro, pois Mosaddeq representava uma ameaça à hegemonia de poder, que o monarca aspirava dentro do Irã. Complementarmente, a perpetração de um golpe de Estado era uma opção para o xá, porém, este temia revogar Mosaddeq da sua posição, dada a grande popularidade do primeiro-ministro, fruto da defesa de uma pauta anti-imperialista (GASIOROWSKI; BYRNE, 2004, p. 7-9 e 28). Nesta equação, a viabilização de um golpe de Estado no Irã seria possível com a participação de um importante ator alegadamente externo - os Estados Unidos.

Durante o governo de Harry Truman (1945-1953), o relacionamento dos Estados Unidos com Mosaddeq era amistosa, com o presidente estadunidense recusando-se a contemplar um golpe contra Mosaddeq, apesar da insistência do Reino Unido, pois Truman acreditava que este tipo de ação levaria o Irã mais próximo da influência soviética. Contudo, em 20 de janeiro de 1953, com o início da administração de Eisenhower, a relação dos Estados Unidos com Mosaddeq iria se alterar gradualmente (GASIOROWSKI; BYRNE, 2004, p. 222-223).

A princípio, Eisenhower compartilhava da mesma abordagem que seu antecessor em não se utilizar de um golpe de Estado para a retirada de Mosaddeq. Contudo, diferentemente

de Truman, Eisenhower não descartava a possibilidade do uso de métodos encobertos para perpetrar um golpe contra Mosaddeq (GASIOROWSKI; BYRNE, 2004, p. 224-225), visão esta reforçada pelo seu Secretário de Estado John Foster Dulles, segundo Kinzer:

Logo depois que o presidente Eisenhower assumiu em 20 de janeiro, 1953, John Foster Dulles e Allen Dulles disseram aos homólogos britânicos que eles estavam preparados para se moverem contra Mosaddeq. O golpe deles teria o codinome Operação Ajax, ou, no jargão da CIA, ТРАJAX. Para dirigi-la, eles escolheram um agente da CIA com considerável experiência no Oriente Médio, Kermit Roosevelt, neto do presidente Theodore Roosevelt (KINZER, 2003, p. 4, tradução nossa).¹³

As atividades de realização de um golpe no Irã, em articulação com os britânicos, seriam vistas com receio pelos Estados Unidos por poderem ser associadas na região do Oriente Médio com políticas coloniais do Reino Unido (BARRETT, 2007, p. 12). Entretanto, a possibilidade de um golpe contra Mosaddeq tornou-se cada vez mais viável, devido a dois motivos: a constante recusa do primeiro-ministro iraniano de um possível acordo para a resolução das tensões entre o Irã e o Reino Unido, acerca da nacionalização do petróleo iraniano; e, principalmente, o crescente isolamento político de Mosaddeq, levando o primeiro-ministro a depender mais fortemente do *Tudeh* para manter-se no poder, levando a um receio por parte dos Estados Unidos de uma possível tomada de poder pelos comunistas (GASIOROWSKI; BYRNE, 2004, p. 224-225).

Então, o governo Eisenhower colocou em ação o plano para a derrubada de Mosaddeq do poder, a “Operação Ajax”. Este plano se desenvolveu por meio da articulação da *Central Intelligence Agency* (CIA), sob a liderança do agente Kermit Roosevelt (KINZER, 2003, p. 4), com o xá Mohammed Reza Palahvi. A operação consistiria nas seguintes ações:

Primeiro, uma campanha em mesquitas, na imprensa e nas ruas minaria a popularidade de Mosaddeq. Segundo, militares monarquistas entregariam um decreto demitindo-o (Mosaddeq). Terceiro, turbas tomariam o controle das ruas. Quarto, General Zahedi emergiria triunfante e aceitaria a nomeação do Xá como primeiro-ministro (KINZER, 2003, p. 10, tradução nossa).¹⁴

O plano foi posto em ação em 16 de agosto, resultando na tomada das ruas por multidões de ambos os lados, pró-xá e pró-Mosaddeq, em que o primeiro grupo era composto por militares monarquistas e elementos conservadores, como religiosos xiitas. Após quatro dias da tensão e com o xá Mohammed Reza Palahvi tendo que deixar o Irã, finalmente em 20 de agosto de 1953, Mohammed Mosaddeq foi deposto do poder (BARRETT, 2007, p. 14).

Ao final do golpe de Estado contra Mosaddeq, a administração Eisenhower concluiu que havia resolvido a crise imediata no Irã, afastando a ameaça de os comunistas chegarem ao poder naquele momento (BARRETT, 2007, p. 14). Contudo, uma tomada efetiva do poder pelos comunistas através do *Tudeh* era irreal, porque o partido comunista iraniano fizera oposição ao governo de Mosaddeq, tanto durante a maior parte de seu governo, quanto nos momentos finais deste. O *Tudeh* estava fragmentado sobre se apoiar ou não o primeiro-ministro e, somado a esse fator de indecisão, o partido não possuía membros suficientes, nem popularidade, nem um plano concreto para a tomada do poder (GASIOROWSKI; BYRNE, 2004, p. 124). A oposição do *Tudeh* em relação ao governo de Mosaddeq estava relacionado à não concessão de petróleo

13 Soon after President Eisenhower took office on January 20, 1953, John Foster Dulles and Allen Dulles told their British counterparts that they were ready to move against Mossadegh. Their coup would be code-named Operation Ajax, or, in CIA jargon, ТРАJAX. To direct it, they chose a CIA officer with considerable experience in the Middle East, Kermit Roosevelt, a grandson of President Theodore Roosevelt (KINZER, 2003, p. 4).

14 First, a campaign in mosques, the press, and the streets would undermine Mossadegh’s popularity. Second, royalist military officers would deliver the decree dismissing him. Third, mobs would take control of the streets. Fourth, General Zahedi would emerge triumphantly and accept the Shah’s nomination as prime minister (KINZER, 2003, p. 10).

à União Soviética no norte do Irã e ao bom relacionamento que o primeiro-ministro iraniano tinha com a administração Truman (ALVANDI; GHEORGHE, 2014, p. 2-3).

Do ponto de vista político e diplomático, o golpe de Estado, articulado pelos Estados Unidos, teve como consequências: o fortalecimento da figura do xá dentro do Irã, apesar de a administração Eisenhower buscar manter a distinção entre o seu apoio ao Irã e a figura do monarca iraniano; a aproximação do *modus operandi* dos Estados Unidos com o do Reino Unido, pois a espionagem foi aceita como um método efetivo para se manter o controle político da região; a exploração do petróleo iraniano passou a ser realizado por um consórcio anglo-americano (BARRET, 2007, p. 14-15); e, o mais importante, a possibilidade de o Reino Unido se alinhar com a política de contenção que envolvesse o Irã, dada a normalização das relações entre os dois últimos países. Somada a estas consequências, o governo Eisenhower ainda mantinha a necessidade do desenvolvimento econômico e a implementação de reformas sociais e políticas para a manutenção da estabilidade e o bloqueio ao comunismo no Irã e no Oriente Médio (BARRET, 2007, p. 14).

1.1.2. Doutrina Eisenhower e a ascensão do xá

O começo do ano de 1957 foi marcado pelo pronunciamento do presidente Dwight Eisenhower ao Congresso dos Estados Unidos, que, naquela mensagem, o chefe de Estado solicitava a liberação do uso de apoio financeiro e do uso da força militar por parte dos Estados Unidos com o objetivo de proteger seus aliados na região do Oriente Médio contra o avanço do comunismo. Posteriormente, em março de 1957, o congresso estadunidense garantiu à administração Eisenhower \$200 milhões e a autorização do uso da força militar, oficializando a doutrina Eisenhower (LITTLE, 2008, p. 132). Apesar desta doutrina ter sido oficializada em 1957, as suas fundações foram construídas gradualmente frente aos acontecimentos internacionais pré-1957.

Desde o início de seu mandato, em janeiro de 1953, Eisenhower e seu secretário de Estado John Foster Dulles ansiavam pelo estabelecimento dos Estados Unidos como o principal ator na região do Oriente Médio, com o objetivo de conter o avanço soviético na região, principalmente, frente ao declínio da influência do Reino Unido na região. Então, com esse ideal como o norte da política externa estadunidense, a administração Eisenhower passou a estimular a formação de pactos entre países do Oriente Médio com o objetivo de defesa mútua contra uma possível agressão soviética, criando assim as bases de um complexo regional de defesa que incluísse a Turquia, o Paquistão, o Irã e o Iraque, o *northern tier*. O primeiro passo na direção desse projeto iniciou-se, em dois de abril de 1954, com um pacto de defesa mútua entre a Turquia e o Paquistão, e o incentivo do Reino Unido ao Iraque para apoiar a ideia do *northern tier*. Contudo, somente em 1955, o projeto do *northern tier* avançou de fato, quando, em 24 de fevereiro, a Turquia e o Iraque firmaram um acordo de defesa mútua ou o pacto de Bagdá (LITTLE, 2008, p. 127, 129 e 132).

Porém, em cinco de abril de 1955, uma alteração a este projeto surgiu: a adesão do Reino Unido ao pacto de Bagdá. O objetivo dos britânicos com esta ação era de entrarem no guarda-chuva de proteção dos Estados Unidos, na expectativa que este último arcasse com os gastos de defesa, garantindo os interesses britânicos no Oriente Médio. Esta adesão,

entretanto, teve como implicação principal a eliminação da possibilidade de o Egito se juntar ao pacto de Bagdá, pois havia grande tensão e desconfiança dos egípcios para com os britânicos, principalmente pela disputa do controle do Canal de Suez (LITTLE, 2008, p. 129).

Após a adesão britânica seguiram-se o Paquistão e o Irã, respectivamente, em setembro e novembro de 1955. Este último país era de especial importância para o projeto do *northern tier*, pois o Irã funcionaria como uma ponte entre a Turquia e o Paquistão, além de ser o país, entre os membros do pacto, com a maior fronteira com a União Soviética. Entretanto, a entrada do Irã no pacto não ocorreu sem a resistência do governante do país, o xá Mohammed Reza Pahlavi, que, em 15 de dezembro de 1954, pronunciou-se sobre a impossibilidade de o Irã se unir a um pacto de defesa regional, salvo o recebimento de grande apoio militar dos Estados Unidos. Então, com a promessa de apoio militar estadunidense, o Irã aderiu ao pacto de Bagdá em três de novembro de 1955, completando o *northern tier* (LITTLE, 2008, p. 129).

A entrada do Reino Unido no pacto de Bagdá continuava a reverberar negativamente na região do Oriente Médio. A presença britânica foi entendida pelo líder da União Soviética, Nikita Khrushchev, como um disfarce para o imperialismo do Ocidente no Oriente Médio. Essa lógica, aliada ao emergente nacionalismo árabe, catalisou a aproximação entre o Egito de Nasser e a União Soviética, resultando em um acordo para o fornecimento de armamento para o Egito, no valor de \$86 milhões (LITTLE, 2008, p. 130).

A aproximação e o acordo entre o Egito e a União Soviética foram interpretados pelos Estados Unidos como uma tentativa soviética de burlar o *northern tier* e catalisar sua influência a partir do Egito. Então, como contramedida ao avanço soviético, em dezembro de 1955, os Estados Unidos e o Reino Unido, propuseram o fornecimento de apoio econômico e técnico para o Egito a fim de construir a represa de Assuã. Contudo, esse apoio oferecido foi duramente criticado pelos países do pacto de Bagdá, os quais argumentaram que Nasser, em seu jogo diplomático entre o Ocidente e a União Soviética, tinha mais benefícios que os países alinhados ideologicamente ao Ocidente. Então, percebendo o jogo diplomático de Nasser e a impossibilidade de atrair o Egito para a esfera de influência estadunidense, somado à reação negativa dos membros do pacto de Bagdá, Eisenhower retirou, em 20 de julho de 1956, o apoio econômico oferecido para a construção de barragem de Assuã (LITTLE, 2008, p. 130), tendo sido substituído pelos investimentos e pela ajuda técnico-material soviéticos.

Após a retirada do apoio estadunidense, Nasser retaliou com o controle do Canal de Suez, gerando uma situação de beligerância do Egito com o Reino Unido, a França e Israel. Entretanto, a crise, que entrou em fase militar, foi rapidamente solucionada, devido à pressão diplomática dos Estados Unidos e da União Soviética sobre o Reino Unido e a França, no sentido de retirarem suas forças armadas do Canal de Suez, pois o Conselho de Segurança da ONU previa que a crise escalasse ao ponto de levar a um confronto de larga escala no Oriente Médio. Ao fim da Crise de Suez, Nasser teve sucesso em sua nacionalização do Canal de Suez, o que marcou a aceleração da decadência do poder britânico no Oriente Médio (LITTLE, 2008, p. 130 e 132) e o ingresso da União Soviética como ator de peso na região do Oriente Médio, através do desenvolvimento das relações com o Egito, o Iraque e a Síria.

Os resultados da Crise de Suez, notadamente o vácuo de poder deixado pelos britânicos, levaram a administração Eisenhower a se engajar mais fortemente no Oriente Médio, a fim

de impedir um avanço soviético. O impedimento da União Soviética poderia ser reforçado pela entrada dos Estados Unidos no pacto de Bagdá. Contudo, esta estratégia foi abandonada por receio da reação das forças políticas ligadas a Israel dentro do país. Então, Eisenhower optou por atuar por fora do pacto de Bagdá, estabelecendo acordos bilaterais com cada país do pacto. A escolha desta estratégia levou, em janeiro de 1957, o presidente dos Estados Unidos a discursar ao Congresso estadunidense, a fim de aprovar a Doutrina Eisenhower (LITTLE, 2008, p. 131-132).

O contexto internacional que se seguiu após o discurso do presidente estadunidense diante do Congresso americano, colocaria à prova a Doutrina Eisenhower. O primeiro evento foi o estabelecimento entre a Síria e a União Soviética de um acordo de trigo por armas, ação que implicou na deterioração da relação diplomática síria com os Estados Unidos, colocando o país em alerta e predisposto a usar a doutrina Eisenhower. Após a Síria, em 14 julho de 1958, ocorreu o fato mais preocupante para a doutrina Eisenhower acerca do destino do Oriente Médio, uma revolução no Iraque por um grupo de esquerda nacionalista, representando um revés para a estratégia do *northern tier*; devido à retirada do Iraque da aliança. Naquele mesmo ano, agravando ainda mais a posição dos Estados Unidos, aconteceu uma tentativa fracassada de golpe na Jordânia e um aumento de tensões no Líbano. A crise de cunho antiocidental neste último país foi abordada conforme a Doutrina Eisenhower, em que os Estados Unidos, temendo uma repetição do ocorrido no Iraque, enviaram tropas, a pedido do presidente libanês, estabilizando, posteriormente, a situação no Líbano (LITTLE, 2008, p. 133-135).

Apesar de a mudança antiocidental de regime no Líbano ter sido evitada, o ano de 1958 colocou em xeque a política dos Estados Unidos no Oriente Médio, levando a administração Eisenhower a promover modificações de sua política externa para a região. A primeira consistiu em reestruturar o pacto de Bagdá após a saída do Iraque, em que os Estados Unidos aprovaram uma série de acordos com os países membros, alterando o nome do tratado garantidor do *northern tier* para *Central Treaty Organization* (CENTO). A segunda medida tomada por Eisenhower consistiu em desenvolver relações com países de forte nacionalismo árabe, que no ano de 1958 se mostraram abertamente contra o Ocidente. Em relação a esta última ação, os Estados Unidos passaram a se distanciar das políticas do Reino Unido na região, inclusive se opondo a estas, quando contrárias aos objetivos estadunidenses. Então, desse posicionamento, e do declínio de poder do Reino Unido, surge a necessidade de os Estados Unidos buscarem um novo parceiro para se articular no Oriente Médio, em que o Irã surge como o principal candidato pois, além de seu posicionamento estratégico diante da União Soviética, se opunha ao movimento do pan-arabismo, encabeçado por Nasser (LITTLE, 2008, p. 136).

O ano de 1958 representou um marco para as relações entre o Irã e os Estados Unidos, fruto dos reveses sofridos pela administração Eisenhower e pela sua respectiva doutrina. Esta constatação decorre do aumento de poder de barganha iraniano em seus pedidos pelo maior apoio econômico e militar, pois com a revolução no Iraque, que retirou este país da esfera de influência estadunidense, a importância do Irã para o projeto do *northern tier* aumentou consideravelmente (BARRETT, 2007, p. 91). Contudo, a despeito do aumento do poder de barganha iraniano, a administração Eisenhower manteve a tônica nas reformas sociais e desenvolvimento econômico, em detrimento do militar, como a ferramenta para a estabilização do Irã (BARRETT, 2007, p. 81).

1.2. Doutrina Nixon: a política dos pilares e *proxies*¹⁵

Ao final do mandato de Eisenhower, sua doutrina já se encontrava ineficiente, principalmente devido aos movimentos nacionalistas árabes, os quais relacionavam a Doutrina Eisenhower, devido a sua proposta de intervenção militar, com o imperialismo britânico (LITTLE, 2008, p. 137). A partir dessa constatação, a administração de Lyndon Johnson, envolvida no conflito do Sudoeste asiático, promoveu uma gradual mudança na abordagem de contenção, criando alicerces para a Doutrina Nixon.

Em 1961, ao iniciar o seu mandato, o presidente John F. Kennedy mostrou-se favorável a uma política de fortalecimento militar de aliados estratégicos no Oriente Médio, com o objetivo de que estes continuassem preencher o vácuo de poder gerado pelo enfraquecimento do Reino Unido e pelo assentamento dos Estados Unidos na região. Essa abordagem ganhou força principalmente com a intensificação do envolvimento dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã, levando a administração de Lyndon Johnson¹⁶, em 1966, a instaurar a “política dos dois pilares”, conhecida como a doutrina Johnson – Mann, este último subsecretário de Estado para a América Latina. Formulada em 1965, na esteira da intervenção norteamericana na República Dominicana, a doutrina tinha como objetivo central combater a ameaça da apreensão forçada de poder por comunistas. Na América Latina, ela se estabeleceu na forma de alinhamento com os Estados Unidos dos países da região que apoiavam as doutrinas da Guerra Fria e combatiam a ideologia e a influência comunista. No Oriente Médio, a doutrina focou o fortalecimento militar da Arábia Saudita e do Irã, escolhidos principalmente por sua capacidade financeira para se militarizarem para exercer a contenção comunista. Contudo, o Irã foi o país mais ativo nessa política dos Estados Unidos, pois era membro da CENTO, possuía um dos maiores exércitos da região e demonstrava um grande interesse em se tornar uma potência militar regional (LITTLE, 2008, p. 138 e 140).

A política dos “dois pilares”, oficializada na administração Johnson, foi intensificada com o início do mandato de Richard Nixon. Este tinha como principal objetivo reduzir o risco de envolvimento dos Estados Unidos em conflitos no Terceiro Mundo, contando com *proxies* pro-Occidente que seriam fortemente armados pelo país (LITTLE, 2008, p. 138). Então, a partir dessa perspectiva, a administração Nixon encontrou no desejo do xá Mohammed Reza Pahlavi de tornar o Irã uma potência militar regional, uma parceria perfeita para a Doutrina Nixon, levando a um imenso incremento da aquisição iraniana de armamento estadunidense em que, segundo Little (2008, p. 145), “[...] durante os cinco anos seguintes o xá desembolsaria \$16,2 bilhões – aproximadamente sete vezes o que ele havia gastado durante as duas décadas anteriores – com aviões, tanques, navios de guerra, e outros sofisticados sistemas de guerra dos EUA”. Essa política mostrou uma grande evolução dos interesses dos Estados Unidos pois, no final de 1976, as posições estadunidenses no Oriente Médio pareciam tão bem asseguradas como havia trinta anos, quando o Reino Unido decidiu iniciar seu processo de retirada gradual da região (LITTLE, 2008, p. 145). Contudo, a política dos “dois pilares” e a Doutrina Nixon não contavam com uma revolução eventual, que mudaria a conjuntura político-militar representaria um grande revés para a política de contenção na região.

15 O termo *Proxies* significa em português procuração, termo que, quando empregado a assuntos geopolíticos, refere-se a países ou grupos que são utilizados indiretamente por um outro país, a fim de realizar seus objetivos, como, por exemplo, uma guerra.

16 John Kennedy foi assassinado em 22 de novembro de 1963, assumindo o seu vice, Lyndon Johnson.

1. O Irã e o bloco socialista: de 1946 à *Détente*¹⁷

O início das relações entre a União Soviética e o Irã no período da Guerra Fria foi marcado por uma grande tensão, em 1946, devido à crise no Azerbaijão iraniano, melhorando somente após a morte de Stálin, em 1953. Na década de 1950, a União Soviética tinha um interesse especial em que o Irã apoiasse suas políticas no Oriente Médio e que o país se retirasse do pacto de Bagdá (BARRETT, 2007, p. 86). Enquanto isso, ainda durante a década de 1950, mesmo mantendo relações muito estreitas com os Estados Unidos, o Irã buscou emular a tática dos países não-alinhados, como o Egito e a Índia, ao utilizar tentativas de aproximação com a União Soviética como um instrumento para angariar maior apoio econômico e militar dos Estados Unidos, durante a administração Eisenhower (BARRETT, 2007, p. 82).

Os anos 1960 marcaram o início de uma efetiva melhora nas relações do Irã com a União Soviética, quando a “[...]URSS normalizou relações com o Irã em setembro 1962, após a garantia do xá de que nenhum míssil americano seria colocado em território iraniano” (ALVANDI; GHEORGHE, 2014, p.3, tradução nossa)¹⁸. Este comprometimento foi reiterado por meio da troca de notas diplomáticas, em 15 de novembro de 1962, nas quais o Irã não iria permitir que Estados estrangeiros utilizassem seu território para a instalação de bases de mísseis. Contudo, o processo de melhoria das relações foi apenas o início de uma tendência que se consolidaria na década seguinte, durante o período da *Détente*.

A década de 1970 foi marcada pelo período da *Détente* durante a Guerra Fria, em que houve um relaxamento da tensão entre os blocos ocidental e soviético. O novo paradigma que se instalou foi visto como muito positivo para o Irã pois, para o Xá Mohammed Reza Pahlavi, a forte bipolaridade, que antecedeu a década de 1970, representava uma limitação para os interesses de tornar o Irã uma grande potência regional (ALVANDI; GHEORGHE, 2014, p. 5), em que o país não podia utilizar todo o potencial das crescentes rendas, geradas pelo aumento do preço, para se modernizar. Então, com a chegada da *Détente*, o xá percebeu a possibilidade de tornar o grande potencial de produção petrolífera do Irã em uma ferramenta diplomática, a petro-diplomacia.

A petro-diplomacia utilizada pelo Irã tinha duas bases principais: primeira, em relação ao Ocidente, o xá procurou ligar a *Détente* na Europa com a necessidade da paz no Oriente Médio, dado que aquele continente dependia do petróleo da região para o seu desenvolvimento. A segunda base estava ligada ao uso do petróleo como um ativo de troca com o bloco socialista, em que o Irã forneceria petróleo e gás para a União Soviética e a Europa Oriental, enquanto estes forneceria, em troca, tecnologias industriais e de engenharia. Este último pilar da petro-diplomacia do xá, contudo, não se restringia aos objetivos econômicos, pois a melhoria das relações diplomáticas e comerciais com a União Soviética levá-la-ia a ansiar pela continuação do xá no poder no Irã e, conseqüentemente, enfraquecer o *Tudeh* e o impacto da sua oposição ao regime do monarca iraniano (ALVANDI; GHEORGHE, 2014, p. 7-8).

A *Détente*, portanto, representou um período de grande melhora nas relações do Irã com o bloco socialista, usando o petróleo como uma ferramenta diplomática. Através deste movimento de ultrapassar a barreira da bipolaridade imposta pela Guerra Fria, Mohammed Reza Pahlavi mostrou-se um ator revisionista da Guerra Fria, rompendo com a visão de que

17 *Détente* é uma palavra francesa que significa relaxamento ou distensão.

18 “[...]USSR normalized relations with Iran in September 1962, after the Shah’s pledge that no American missiles would be stationed on Iranian territory” (ALVANDI; GHEORGHE, 2014, p.3).

o Irã se constituía apenas como uma ferramenta da política dos Estados Unidos (ALVANDI; GHEORGHE, 2014, p. 5).

6. Revolução Islâmica no Irã em 1979: mudança de paradigmas na Guerra Fria

1.1. Revolução de 1979 e os Estados Unidos: o fim de uma Era

O Irã, desde o início da Guerra Fria, esteve presente na política externa dos Estados Unidos, tornando-se um dos pilares da política de contenção do comunismo no Oriente Médio. Esta realidade tornou-se especialmente forte a partir da doutrina Nixon, considerada um paradigma de reconfiguração da política externa estadunidense, que visava o desengajamento da Guerra do Vietnã e dos conflitos no Terceiro Mundo, a reavaliação da doutrina de contenção da época de Truman, a inserção na política da *Détente*, que foi liderada pela Europa. A sua doutrina teve continuidade nos primeiros anos da administração Carter (LITTLE, 2008, p. 147). A confiança dos Estados Unidos na doutrina Nixon foi evidenciada, em 31 de dezembro de 1977, em Teerã, quando o presidente Jimmy Carter disse que o “Irã, devido à grande liderança do xá, é uma ilha de estabilidade em uma das áreas mais conturbadas do mundo. Isso é tributo de você, Vossa Majestade, e a sua liderança e ao respeito e admiração e amor que o seu povo tem por você” (CARTER, 1977, tradução nossa)¹⁹. A realidade, contudo, provaria ser bem diferente do discurso do presidente dos Estados Unidos, pois o início do ano de 1978 colocou em marcha um evento que mudaria os rumos do Oriente Médio durante e após a Guerra Fria: a Revolução Islâmica Iraniana.

Mohammed Reza Pahlavi, desde o golpe de estado contra Mosaddeq em 1953, governava o Irã de forma crescentemente autocrática, utilizando-se de sua polícia secreta, a SAVAK²⁰, para reprimir fortemente seus opositores internos, desde os comunistas do *Tudeh* aos clérigos xiitas conservadores (ALVANDI; GHEORGHE, 2014, p. 2; BARRETT, 2007, p. 82). Outro aspecto do governo do xá era a forte presença estrangeira no Irã, principalmente dos Estados Unidos²¹, que se apresentava por meio de empresários e militares e através das reformas de cunho ocidentalizante, levadas a cabo pelo regime, gerando em uma parcela da população iraniana um forte sentimento de xenofobia e de ataque aos valores islâmicos e identitários (BARRETT, 2007, p. 85; CURTIS; HOOGLUND, 2008, p. 47).

Essas características do regime do xá geraram um crescente ressentimento da população iraniana para com o seu governante, como também para com os Estados Unidos, país que tinha uma forte imagem atrelada ao do monarca do Irã. A esta insatisfação popular se somou uma forte percepção de corrupção, um rápido crescimento da inflação e o aumento da desigualdade, levando a manifestações no ano de 1977, por parte de intelectuais e da classe média, e no início de 1978 por clérigos xiitas (CURTIS; HOOGLUND, 2008, p. 46 e 48). Estes últimos foram de grande importância para o desenvolver da Revolução Iraniana, pois esse segmento social era liderado pelo Aiatolá Ruhollah Khomeini que, do exílio, desde 1964, comandava o movimento

19 Iran, because of the great leadership of the Shah, is an island of stability in one of the more troubled areas of the world. This is a great tribute to you, Your Majesty, and to your leadership and to the respect and the admiration and love which your people give to you (CARTER, 1977).

20 Sigla para *Sazman-e Ettelaat va Amniyat-e Keshvar*.

21 Em 1978, dos 60 mil estrangeiros presentes no Irã, 45 mil eram dos Estados Unidos (CURTIS; HOOGLUND, 2008, p. 47).

clerical iraniano através de suas mensagens fundamentalistas (KINZER, 2003, p. 196-197). Diante das manifestações populares, o governo de Mohammed Reza Pahlavi reagia de forma truculenta, levando as mortes de manifestantes, fato que apenas intensificou manifestações e a deterioração da imagem do governo, culminando para a fuga do xá, em 16 de janeiro de 1979, e a instalação do governo revolucionário pelo Aiatolá Khomeini após o seu retorno do exílio, desencadeando uma série de consequências.

O primeiro ano da recém instaurada República Islâmica do Irã mostraria, no final de 1979, uma de suas principais características: o antiamericanismo. Esse sentimento se explicitou em quatro de novembro de 1979, quando uma multidão, em reação ao asilo concedido pelos Estados Unidos ao xá, invadiu a embaixada norte-americana em Teerã, tomando dezenas de cidadãos estadunidenses como reféns, incluindo agentes diplomáticos (CURTIS; HOOGLUND, 2008, p. 57; LITTLE, 2008, p. 151). Este gravíssimo ato de violação do direito diplomático, contudo, revelou um grande ressentimento dos iranianos para com os Estados Unidos, remetendo ao golpe de 1953, pois foi na embaixada estadunidense em Teerã que a CIA havia realizado parte das articulações para a derrubada de Mosaddeq, permitindo que o xá, na época, retornasse ao Irã para reassumir o governo (KINZER, 2003, p. 202).

A Revolução Iraniana, em 1979, e a consequente invasão da embaixada estadunidense em Teerã resultaram no rompimento das relações diplomáticas entre o Irã e os Estados Unidos, mas, principalmente, marcou o esfacelamento da política de contenção à União Soviética no Oriente Médio, pois com a saída do principal pilar da CENTO, o Irã, o projeto do *northern tier*, a política dos “dois pilares” e dos *proxies* foram colocadas em xeque, representando um grande revés para a política externa dos Estados Unidos, construída desde a década de 1950. Os eventos que ocorreram no Irã, contudo, reverberaram também na União Soviética que percebeu a possibilidade de novas perspectivas de influência sobre a política do Oriente Médio na Guerra Fria.

1.2. A Revolução de 1979 e as perspectivas soviéticas

A Revolução iraniana de 1979 estava representando um grande revés para os Estados Unidos e, principalmente, para a administração Jimmy Carter, que teve que elaborar uma nova abordagem doutrinária para com o Oriente Médio, além de, internamente, ter fragilizado as chances de reeleição com a eclosão da crise dos reféns na embaixada em Teerã (LITTLE, 2008, p. 150). Enquanto os Estados Unidos estavam envolvidos em um turbilhão, a União Soviética viu, num primeiro instante, oportunidades emergirem de toda a instabilidade no Oriente Médio, causada pela Revolução iraniana: a chance de intervir no Afeganistão e intensificar a sua influência no Irã.

Em abril de 1978, os comunistas tomaram o poder no Afeganistão sem, contudo, haver a comprovação da participação soviética no golpe de Estado (LITTLE, 2008, p. 150). Após a tomada de poder pelos comunistas, irrompeu uma guerra civil no país entre comunistas e extremistas religiosos, os *mujahidins*²², ameaçando a posição do governo pro-Moscou, o qual passou a pedir apoio soviético. O envolvimento soviético no Afeganistão estava relacionado com a preocupação de Moscou com a crescente tendência do fundamentalismo religioso na guerra civil afegã, realidade que poderia reverberar negativamente nas repúblicas com a população islâmica dentro da União Soviética, principalmente após a ascensão teocrática no Irã, em 1979

22 *Mujahidins* é o termo utilizado para se referir ao grupo fundamentalista islâmico que combateu a União Soviética no contexto da Guerra do Afeganistão (1979-1989).

(VANCE, 1983, p. 388 apud LITTLE, 2008, p. 150). Então, devido a este temor, a União Soviética passou a intervir diretamente no Afeganistão com o envio de tropas, fomentando a dinâmica da Guerra Fria no conflito, pois, a partir desse momento, os Estados Unidos passaram a se utilizarem dos *mujahidins* como *proxies*, fornecendo-lhes apoio financeiro e militar²³. O conflito no Afeganistão introduziu, portanto, o fundamentalismo islâmico na dinâmica da Guerra Fria, como também representou um enfraquecimento da *Détente* entre os Estados Unidos e a União Soviética.

O Irã, desde o final da crise do Azerbaijão iraniano, constituía-se como um guardião dos interesses dos Estados Unidos no Oriente Médio. Porém, com a eclosão da Revolução islâmica de 1979 e seu forte caráter antiamericanista, surgiu a oportunidade de a União Soviética aumentar a sua influência sobre o Irã. Nos primeiros anos do regime revolucionário iraniano, a União Soviética buscou explorar o forte antiamericanismo para aumentar a sua influência no processo revolucionário, em uma tentativa de que as forças progressistas, guiadas por estes sentimentos, reconhecessem na URSS a defensora da revolução no Irã (CHUBIN, 1983, p. 936). Na busca de concretizar essa estratégia, principalmente com a deflagração da Guerra Irã-Iraque, os soviéticos firmaram, em julho de 1981, um acordo que “previa o treinamento de iranianos na União Soviética, a extensão de assistência técnica e o empréstimo de conselheiros soviéticos ao Irã” (CHUBIN, 1983, p. 934). A União Soviética também provia o Irã de informações, por meio do *Tudeh*, sobre planos de golpes que se nutriam no meio do exército iraniano.

Contudo, a expectativa soviética de aumentar a sua influência no Irã em breve seria frustrada. A invasão soviética no Afeganistão se constituiu como um ponto de choque entre o Irã e a União Soviética, em que o governo teocrático de Teerã, além de demandar a retirada soviética do Afeganistão, passou a fornecer apoio aos *mujahidins*, do grupo opositor ao governo comunista afegão (CHUBIN, 1983, p. 931). A permissividade de Teerã com protestos que ocorriam fora da embaixada soviética também gerava um descontentamento de Moscou (CHUBIN, 1983, p. 931), o qual se fortaleceu quando as lideranças do *Tudeh* passaram a ser perseguidas, levando ao banimento do partido no início de 1983, quando a liderança teocrática se radicalizou na perseguição de opositores. Então, com estes sucessivos choques, ficou óbvio para a liderança soviética que o antiamericanismo da Revolução islâmica não significou necessariamente um posicionamento pro-Moscou por parte dos líderes revolucionários.

A constatação na União Soviética de que o governo iraniano resistia à influência de Moscou passou a gerar preocupações. Primeiramente, a prática revolucionária iraniana, calcada na religião, não se colocava como uma alternativa viável à revolução de base marxista; em segundo lugar, a União Soviética temia que a revolução teocrática islâmica no Irã reverberasse nas populações islâmicas dentro das fronteiras soviéticas, como na Ásia Central e, principalmente, no Cáucaso, onde a república soviética do Azerbaijão concentrava uma parte da população islâmica xiita (CHUBIN, 1983, p. 938 e 945). O temor de a revolução iraniana se alastrar pelo Oriente Médio foi inclusive um ponto determinante para o posicionamento soviético na Guerra Irã-Iraque.

1. Guerra Irã-Iraque: um conflito destoante da Guerra Fria

23 As administrações de Jimmy Carter e de seu sucessor, Ronald Regan, forneceram cerca de \$3 bilhões em apoio aos fundamentalistas afegãos, os *mujahidins* (LITTLE, 2008, p. 152). Juntamente com o apoio financeiro, os *mujahidins* eram armados e treinados pelos Estados Unidos no Paquistão.

Em 1980, o Irã ainda se encontrava nas turbulências internas, fruto da Revolução islâmica que acontecera no ano anterior, situação que deixava o país aparentemente fragilizado, levando, em setembro daquele ano, o dirigente iraquiano, Saddam Hussein, a declarar guerra à República Islâmica do Irã. A principal justificativa para a beligerância iraquiana era o controle da desembocadura do rio Xatalárabe, formado pelo encontro do Tigre e do Eufrates que desagua no Golfo Pérsico, junto com as ambições pan-arabistas de Saddam e o temor do fundamentalismo xiita iraniano²⁴ foram fatores determinantes para a guerra (LITTLE, 2008, p. 249).

Apesar de a Guerra Irã-Iraque ter ocorrido no período da Guerra Fria, o conflito entre os dois países do Oriente Médio foi destoante da maioria dos conflitos desse período, pois, ao longo da Guerra Fria, a dinâmica padrão dos conflitos ocorria com o engajamento da União Soviética e dos Estados Unidos em lados antagônicos. Contudo, na Guerra Irã-Iraque, norte-americanos e soviéticos apoiaram oficialmente o Iraque, mas, secretamente, ambos apoiaram também o Irã.

O temor da exportação da revolução islâmica do Irã para outros países da região constituiu-se um dos principais fatores para o apoio oficial de soviéticos e norte-americanos para o Iraque. Este país contou com o fornecimento estadunidense de fotos de satélites das tropas iranianas, fornecimento de tecnologias militares e civis e meio bilhão de dólares de créditos em agricultura. A administração Reagan objetivou também que o Irã em dificuldades no conflito seria mais predisposto a melhorar suas relações com os Estados Unidos, principalmente pelo fato do fornecimento dos suprimentos para o armamento iraniano ser controlado pelos norte-americanos (LITTLE, 2008, p. 227)²⁵.

O apoio soviético e estadunidense ao Irã, apesar de reticente, também ocorreu. A União Soviética, no início do conflito, forneceu ao Irã suporte técnico com o envio de conselheiros, combustível de aeronaves e informação tática através de fotos de satélite (CHUBIN, 1983, p. 934) em uma tentativa de aumentar sua influência sobre o Irã. O apoio estadunidense ao Irã, contudo, foi o que surtiu maiores repercussões políticas com o caso Irã-Contras de 1985-86, o qual consistiu em fornecer armamento ao Irã em troca de reféns estadunidenses, sob a posse de um grupo terrorista pro-Irã no Líbano, o Hezbollah, e angariar fundos para o financiamento de contrarrevolucionários na Nicarágua, que lutavam contra o regime Sandinista (LITTLE, 2008, p. 249-250)²⁶. Entretanto, essa estratégia estadunidense falhou, repercutindo negativamente nos Estados Unidos e na administração Reagan.

Em setembro de 1980, Saddam Hussein, ao declarar guerra contra o Irã, presumia que seria uma guerra rápida, mas ela se arrastou por longos oito anos, terminando sem ganhos territoriais, políticos ou econômicos para ambos os lados. Contudo, o final deste conflito deixou sequelas que influiriam nos eventos da década seguinte: a imagem do líder revolucionário, Aiatolá Khomeini saiu desgastada do conflito, conduzindo, após a morte do líder, a uma moderação do regime de Teerã que se mostraria favorável a uma aproximação com os Estados Unidos; enquanto no Iraque, o regime de Saddam Hussein saiu do conflito com a visão de que seu país era a força política e militar dominante da região (LITTLE, 2008, p. 227), fato que somado a sua visão pan-arabista, mergulharia o Oriente Médio em outro conflito, em 1991, com

24 O Iraque possui uma grande parcela de muçulmanos xiitas.

25 Esse fato decorre da herança do período Xá, em que os Estados Unidos era o principal fornecedor de materiais bélicos para o Irã.

26 Os sandinistas eram um grupo revolucionário de esquerda que tomou o poder na Nicarágua em 1979, permanecendo no poder até 1990.

a Guerra do Golfo.

2. Considerações finais

Desde o início da Guerra Fria, o Irã se constituiu como um ponto nevrálgico no Oriente Médio, pois, em 1946, a crise no Irã foi fundamental para o estabelecimento da dinâmica de contenção pelos Estados Unidos da União Soviética, a política que, apesar de seus ajustes ao longo de diversas doutrinas, manteve a doutrina da contenção como seu principal objetivo.

Porém, é importante analisar o Irã não como uma simples peça no jogo geopolítico de duas superpotências, mas como um ator que teve papel ativo na Guerra Fria. O xá do Irã se constituiu como um habilidoso ator no campo internacional, pois equilibrou uma aliança com os Estados Unidos, ao mesmo tempo que conseguiu se utilizar da bipolaridade, emulando o não-alinhamento do Egito e da Índia, para que suas aspirações fossem atendidas. Além disso, o xá Mohammed Reza Pahlavi soube se adaptar às mudanças na Guerra Fria, quando o confronto bipolar diminuiu durante a *Détente*, o monarca iraniano utilizou do principal ativo de seu país, o petróleo, como uma ferramenta diplomática para se aproximar do bloco socialista. Apesar de sua habilidade no campo internacional, o xá se mostrou não muito habilidoso na esfera doméstica, pois através da crescente repressão e da política autocrática de seu regime, somados a incapacidade de acomodar os interesses de agentes internos com a pressão dos Estados Unidos por reformas, o soberano iraniano criou uma situação em que grupos extremamente díspares em seus objetivos, como comunistas, clérigos xiitas conservadores e liberais, se unissem com o objetivo de derrubar o regime monárquico.

A política externa estadunidense na Guerra Fria manteve como seu principal eixo ao longo do período, a contenção ao comunismo, apesar de a doutrina ter sofrido modificações com as diversas modificações subsequentes à administração Truman. Em uma análise geral, a política de contenção em sua fundação, com a doutrina Truman e o NSC-68, mostrou-se uma reação condizente com o receio gerado pela forma assertiva de Stalin em assegurar os interesses soviéticos no Oriente Médio. Contudo, a partir da administração Eisenhower, e sua respectiva doutrina, a política externa dos EUA para com o Irã e Oriente Médio foi contraproducente e destoante da realidade, pois os Estados Unidos se mostraram inábeis em se articularem com os movimentos nacionalistas da região, os quais estavam ligados pela luta contra o imperialismo, principalmente o britânico, do que alinhados com a luta bipolar dos blocos soviético e ocidental. No Irã, a perpetração do golpe de Estado contra Mossaddeq, por medo de uma aquisição de poder por comunistas, representou um erro sério, tanto pela irreal possibilidade de os comunistas tomarem o poder, como pelas consequências a longo prazo para a estabilidade no Irã, devido à ascensão do repressivo regime do xá.

Após a administração Eisenhower, os Estados Unidos conseguiram melhorar o manejo de seus interesses no Oriente Médio, sem a necessidade de uma intervenção direta, através das políticas dos “dois pilares” e dos *proxies*, consolidados na doutrina Nixon. Entretanto, apesar de resolvida a questão de ingerência direta no Oriente Médio, a política externa estadunidense estava mostrando crescente incoerência com o período, pois, com a *Détente*, um avanço de uma onda de revoluções comunistas na região não era factível, exemplificado pela melhora das

relações do Irã do xá Mohammed Reza Pahlavi com a União Soviética e o bloco socialista. A abordagem da doutrina Nixon resultou, porém, na forte dependência do xá na associação da sua imagem com os Estados Unidos, ligando os interesses estadunidenses no Irã e no Oriente Médio com o destino da dinastia Pahlavi. Após a queda do xá, a atuação da política externa dos Estados Unidos no Oriente Médio se tornou nociva para a região no longo prazo, pois fomentou o fundamentalismo religioso no Oriente Médio ao financiar grupos radicais como *proxies* no combate à União Soviética no Afeganistão. Portanto, em uma perspectiva geral, a política externa dos Estados Unidos para com o Oriente Médio e o Irã se havia mostrado condizente em seus primeiros anos, com a doutrina Truman, mas, averiguou-se crescentemente desconexa com a realidade da região, com as administrações norte-americanas seguintes.

A relação da União Soviética com o Irã, nos primeiros anos da Guerra Fria, foi contraproducente, pois Stálin ao fazer uma leitura geopolítica errada do momento, atuando de forma ultimativa e insegura para ganhar concessões do Irã, provocou não somente o afastamento do Irã, como gerou reações securitizadas da principal potência mundial depois da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos, que passou a antagonizar os interesses soviéticos no Oriente Médio. No entanto, a partir da década de 1950, com a União Soviética não mais demonstrando uma predisposição ofensiva para com o Irã, os soviéticos foram utilizados pelo Irã como uma peça de barganha iraniana para pressionar os Estados Unidos no fornecimento de apoio econômico e militar. Somente na década de 1970, com a *Détente*, foi que as relações diplomáticas e econômicas soviético-iranianas alcançaram o seu auge, com a compra de petróleo iraniano em troca de tecnologias industriais soviéticas para o Irã, assim enfraquecendo a influência estadunidense.

Contudo, uma grande questão surgiu para os soviéticos a partir da Revolução de 1979, se aquela realmente apresentou oportunidades frutíferas para a União Soviética. Em um primeiro momento, de fato, a Revolução islâmica parecia favorável à União Soviética pela queda de um pilar dos interesses estadunidenses no Oriente Médio, o xá do Irã, no que se referia à viabilização de uma intervenção soviética no Afeganistão. No entanto, as oportunidades, geradas pela Revolução Islâmica para a União Soviética mostraram-se infrutíferas, com um grande desgaste de Moscou com o envolvimento na Guerra do Afeganistão e com a recusa iraniana de integrar a área de influência soviética. Um benefício gerado pela Revolução de 1979 se mostrou ainda mais irreal, quando analisado o período da *Détente*, pois mesmo com o xá tendo sido aliado dos EUA, o Irã desenvolvia uma relação produtiva com os soviéticos.

O Irã, portanto, principalmente com a Revolução Islâmica de 1979, demonstrou que as ações levadas a cabo em um determinado período histórico, como a Guerra Fria, reverberaram anos a fio e até ultrapassaram o próprio período quando esta ocorreu, pois a Revolução de 1979 impactou as relações que os Estados Unidos mantêm com o Irã e com todo o Oriente Médio atualmente.

3. Referências bibliográficas

ALVANDI, Roham; GHEORGHE, Eliza. The Shah's Petro-Diplomacy with Ceaușescu: Iran and Romania in the era of Détente. **Cold War International History Project**, Washington, D.C., n. 74, 2014.

BARRETT, Roby. **The Greater Middle East and the Cold War: US Foreign Policy under Eisenhower and Kennedy**. New York: I. B. Tauris, 2007.

CHUBIN, Shahram. The Soviet Union and Iran. **Foreign Affairs**, vol. 61, n. 4, 1983.

CURTIS, Glenn; HOOGLUND, Eric. **Iran: a country study**. 5 ed. Washington D.C.: Federal Research Division, Library of Congress, 2008.

FATEMI, Faramarz. **The U.S.S.R. in Iran**. Cranbury: A. S. Barnes and Company, 1980.

GADDIS, John. **We Now Know: Rethinking Cold War History**. New York: Oxford University Press Inc., 1997.

GASIOROWSKI, Mark; BYRNE, Malcolm. **Mohammad Mosaddeq and the 1953 Coup in Iran**. 1 ed. New York: Syracuse University Press, 2004.

KENNAN, George. **Long Telegram**. Washington D.C.: National Archives and Records Administration, fev. 22, 1946.

KINZER, Stephen. **All the Shah's Men: An American Coup and the Roots of Middle East Terror**. Hoboken: John Wiley & Sons, Inc., 2003.

LAY, James. **National Security Council Report, NSC 68, 'United States Objectives and Programs for National Security'**. Washington D.C.: US National Archives, abr. 14, 1950.

LITTLE, Douglas. **American Orientalism: The United States and the Middle East Since 1945**. 3 ed. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2008.

WALT, Stephen. Alliance Formation and the Balance of World Power. **International Security**, vol. 9, n. 4, p. 3-43, 1985.

YEGOROVA, Natalia. The "Iran Crisis of 1945-46: A View from the Russian Archives. **Cold War International History Project**, Washington, D.C., n.15, 1996.